

## Opressão

Julian Boal<sup>1</sup>

Não pretendo dar uma definição final e irretocável de opressão, mas, sim, oferecer pistas para um debate, que espero seja o mais aberto e contraditório possível. Opressão é um termo difícil de definir, posto que pode unir posições e identidades que a priori têm poucas coisas em comum: trabalhadores e homossexuais, mulheres e colonizados, portadores de necessidades especiais e grupos dos considerados não brancos. A lista é longa e nem sempre tem um denominador comum evidente.

Uma primeira definição possível seria dizer que opressão é o que sente cada pessoa que se diz oprimida. Essa definição pode ser problemática. Por exemplo, uma vez na Suíça, em um workshop com meu pai, uma mulher propôs sua opressão para a cena de Teatro-Forúm: ela se sentia oprimida pelos mendigos que lhe pediam dinheiro. Pode ser que se sentisse desconfortável ou mesmo agredida com a situação, mas creio que concordamos que não se trata de uma opressão.

Sanjoy Ganguly<sup>2</sup> relatou haver perguntado, numa oficina que animou durante muito tempo somente com mulheres de vilarejos indianos: “Alguma de vocês sofre violência doméstica ou sabe de alguém que sofra?” Ao que uma mulher respondeu: “Não sofro de violência doméstica, meu marido só me bate quando é preciso.” Será que uma mulher que apanha do marido só é oprimida se ela considerar que o seja?

Uma outra definição possível e tentadora de opressão seria a de um conjunto de ações entre indivíduos. A violência, por exemplo, seria um ato opressivo em si. Qualquer vítima de violência seria um oprimido, qualquer pessoa que praticasse a violência seria um opressor.

Creio que Chen Alon, do movimento Combatants for Peace<sup>3</sup>, assim como Edward Muallem e Iman Aoun, do Ashtar Theatre<sup>4</sup>, estarão de acordo comigo quando digo que um menino palestino não está oprimindo um soldado israelense quando joga uma

---

<sup>1</sup> Julian integra o GTO-Paris, foi assistente de Augusto Boal por muitos anos e hoje atua internacionalmente.

<sup>2</sup> Diretor artístico do grupo Janasankriti, Calcutá – Índia.

<sup>3</sup> Grupo que pratica Teatro do Oprimido em Israel e na Palestina, integrado por palestinos e israelenses.

<sup>4</sup> Grupo palestino que pratica Teatro do Oprimido e atua na Palestina e em diversos países do Oriente Médio.

pedra nele. E pergunto aos europeus que vivem em países onde houve uma resistência armada contra a ocupação nazista se eles teriam preferido que seus antepassados não tivessem pego em armas para lutar contra a barbárie. Teria sido meu pai um opressor quando se juntou à guerrilha contra a ditadura brasileira? A essencialização do ato, violento ou não, como pertencendo intrinsecamente aos opressores ou aos oprimidos tende a obscurecer as razões que o motivaram.

A definição de opressão que mais me convém é: Opressão é uma relação concreta entre indivíduos que fazem parte de diferentes grupos sociais, relação que beneficia um do grupo em detrimento do outro. Nesta tentativa de definição, a opressão está para além das relações individuais, não se reduzindo ao que os ingleses chamam “one to one relationship” (relação um a um) e tendo sempre algo a mais.

Imaginem um óvni que veio à Terra para tentar entender como funciona uma cidade. Para tanto, espalha câmeras por toda parte, inclusive no sinal de trânsito. Depois de assistir várias vezes à filmagem, os alienígenas entendem que os carros param no sinal vermelho e andam no sinal verde; que os pedestres cruzam a rua quando os carros param; que os carros andam pela direita e ultrapassam pela esquerda. A filmagem demonstrou como são as regras, mas não revelou o essencial: quem põe o sinal na rua? Quem determina as leis do trânsito e controla sua prática? Quem dá as carteiras aos motoristas? O Estado. O Estado, que é absolutamente necessário para o entendimento dessa realidade, permanece invisível na cena. O mesmo ocorre com as situações de opressão: as relações entre indivíduos só podem ser entendidas dentro de sistemas, muitas vezes invisíveis, que as sobredeterminam.

Não se pode compreender a relação entre um trabalhador e um patrão sem tentar entender o capitalismo, nem a relação entre um branco e um negro sem levar em conta o racismo, ou a relação entre um homem e uma mulher sem considerar o patriarcado.

Por outro lado, existem grupos sociais aos quais não escolhemos pertencer e dos quais é difícil, ou impossível, se desvencilhar. Tomemos meu exemplo. Sou um homem, vivo na França, que, como toda sociedade no mundo, é patriarcal. Na França, as mulheres em geral ganham em média 25% menos do que os homens. Tendo a

mesma profissão, pela mesma carga de trabalho, com a mesma experiência, as mulheres ganham 10% a menos. Em uma relação com uma mulher, provavelmente eu ganharei mais que ela. Mas... sou gentil. Vou convidá-la para o restaurante, pagarei mais as férias e as contas etc. Extremamente gentil. Mas aqui estamos falando de como uso o poder que a sociedade me confere enquanto homem; não estamos tratando de igualdade dentro do meu relacionamento. E quão longe está esse uso gentil do poder de ser condescendente e paternalista?

O patriarcado, por mais que eu me esforce, não deixa de penetrar na minha relação de casal. Ser opressor ou oprimido não é questão de escolhas individuais, não é questão moral. Também não é uma questão de essências: não existem opressores/oprimidos por essência, por natureza; existem, sim, grupos sociais em relação uns com ou outros. É uma questão histórica. A pergunta que se deve fazer frente à escravidão não é saber se o **mestre (capataz talvez fosse melhor)** é bom ou não, mas por que existe escravidão? Deveríamos talvez seguir a observação do Brecht: “nos preocupamos demais com o abuso de poder do que com o poder em si”.

Como fazemos parte de diferentes grupos sociais, podemos ser opressores e oprimidos. Meu pai sempre dava o exemplo de um trabalhador chileno, membro ativo de um sindicato, que, ao chegar em casa, era um marido violento. Na sua relação com o patrão, esse trabalhador era, sem dúvida, um oprimido; mas em relação à sua mulher, sem qualquer tipo de dúvida tão pouco, ele era um opressor.

Falar de opressão não é uma construção maniqueísta do mundo. O sistema da opressão não é uma representação do mundo como um enfrentamento entre o bem e o mal. Pelo menos na edição francesa dos Jogos para atores e não atores, meu pai dedica o livro às classes oprimidas e aos oprimidos dentro dessas classes. Reconhecer a opressão de classe, ou seja, a opressão capitalista, nunca foi uma maneira de meu pai negar ou diminuir as outras formas de opressão.

Opressão foi um termo muito usado durante os anos 1970. Hoje, vemos a profusão de outras expressões, como vítima e excluído. O que significam? A vítima, via de regra, nos é apresentada como sem recursos frente ao destino que bate a sua porta, como um objeto do qual devemos ter pena, sentir culpa ou remorso, nunca com o qual

devemos estabelecer solidariedade ou nos posicionar como possível irmão ou irmã em uma luta que nos seria comum.

O tsunami fez vítimas, não oprimidos; um terremoto, uma inundação, a erupção de um vulcão fazem vítimas. Mas será que um desempregado é vítima da crise econômica do mesmo modo que alguém pode ser a vítima de um raio que caia sobre sua cabeça? A palavra vítima, usada fora de propósito, privilegia o aspecto irracional da vida em sociedade e desresponsabiliza os grupos opressores.

Assim funciona também a palavra “excluído”. Não existiriam opressores e oprimidos, mas somente incluídos e excluídos. A palavra excluído esconde a relação causal que existe entre os privilégios de um grupo e a opressão de outro. Ninguém seria o culpado da exclusão, ninguém se beneficiaria com ela. Talvez o único culpado pela exclusão seja o próprio excluído. Assim, na França, vemos surgir dispositivos cada vez mais complexos, humilhantes e policialescos que estariam aí para ajudar o excluído a se incluir. Por exemplo, a Agência Nacional para o Emprego (ANPE) oferece a mulheres desempregadas cursos de “relooking”, em que elas aprenderão a se maquiar e vestir para as próximas vezes em que passarão por entrevistas de emprego. Ou seja, para a ANPE não existe um problema de desemprego na França: existe mulher feia em demasia; a sociedade não tem de se questionar, mas os excluídos é que devem fazer mais esforços.

Outra característica desses dois termos é que eles insistem no caráter periférico, intermitente, da injustiça. A palavra opressão, ao contrário, insiste no lugar central da injustiça enquanto fundamento das nossas sociedades.

Devemos reconhecer que não existe nenhum romantismo revolucionário no uso da palavra oprimido. Ser oprimido é uma posição social, não é uma estratégia política. Dentro de um mesmo grupo oprimido, coexistem várias estratégias. Malcolm X dizia que, entre os negros americanos escravizados, havia os Field Nigger e os House Nigger. O Field Nigger, por sofrer no campo, estaria sempre disposto a se rebelar, a tentar se rebelar. O House Nigger, por receber as sobras do patrão, dormir na casa grande, até desfrutaria de sua posição de escravo. Ao ser questionado pelo Field Nigger se gostaria de fugir, o House Nigger responderia: “Por quê? A gente está tão

bem aqui!” Os dois são oprimidos pela escravidão, mas têm estratégias totalmente diferentes. Se essas diferenças podem ser explicadas pela diversidade social que existia dentro do grupo dos escravos, existem diferenças que são de ordem puramente política mesmo. Ser oprimido não é, infelizmente, uma garantia de se ter a apropriada estratégia para se lutar contra sua opressão.

Que mais dizer dessa estratégia? Como vencer a opressão? Bem que eu gostaria de saber a resposta. A única coisa que sei é que essa luta deverá ser coletiva. Sozinhos, podemos iludir a opressão, contorná-la, negociar com ela – nunca vencer. Sozinho, um negro pode virar o presidente dos EUA sem que o racismo acabe; uma mulher virar primeira-ministra na Inglaterra sem que o patriarcado acabe; um trabalhador virar presidente no Brasil sem que acabe a exploração. Vencer uma opressão não é tarefa para um herói ou um messias; é a tarefa de coletivos, grupos, de organizações, de massas. E nessa tarefa o teatro pode ajudar muito, mas não pode fazer tudo. O ator tem de se tornar ativista, sair do palco e ir para a rua. Como dizia meu pai, o Teatro-Fórum é um ensaio para a revolução ou a transformação, o que significa que ele não é a transformação ou a revolução em si.

Muito ainda deveria ser dito sobre a articulação entre os diferentes sistemas de opressão: em que o racismo ajuda o capitalismo, ou como o patriarcado e a homofobia se combinam e se reforçam mutuamente, por exemplo. Poderíamos também abordar a necessária tarefa de uma definição mais fina dentro das categorias de opressor e oprimido. Por exemplo, por receber benefícios do patriarcado, será que sou um opressor do mesmo tipo que um capitalista ou um ditador?

Quando alguém perguntava ao meu pai sobre tal ponto técnico, tal aspecto da metodologia, sobre o que fazer em tal situação, se era possível fazer uma ou outra coisa, ele respondia muitas vezes que os métodos tinham sido feitos para as pessoas e não as pessoas para os métodos. Mas para que pessoas? As oprimidas, sempre. Como fazer para definir quem é o oprimido, quem é o opressor, estabelecer estratégias para obter o que é o contrário da opressão, a emancipação? Essas questões não podem nos abandonar, são elas que nos permitiram distinguir o Teatro do Oprimido de um divertimento cultural para os excluídos, de uma terapia ocupacional para as vítimas.

Para responder a essas perguntas, o legado do meu pai é fundamental, mas não suficiente. Nunca foi suficiente. Meu pai continuamente apoiou o que ele chamava de as heresias criativas, sempre as distinguindo das traições imperdoáveis. Daqui para frente, temos a difícil tarefa de conciliar a fidelidade com a criatividade.